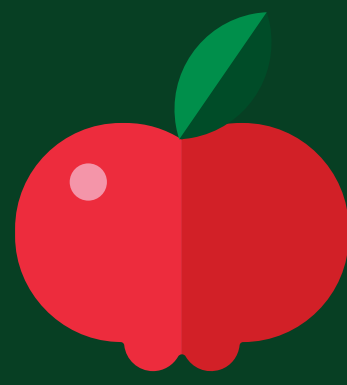
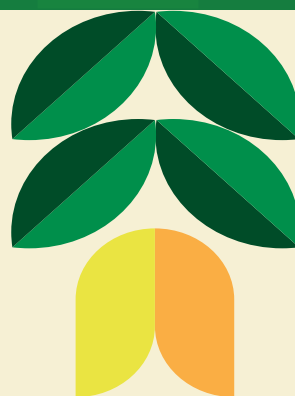
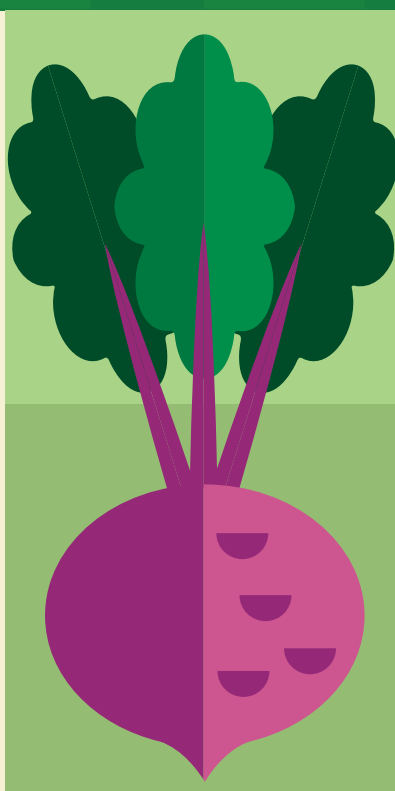
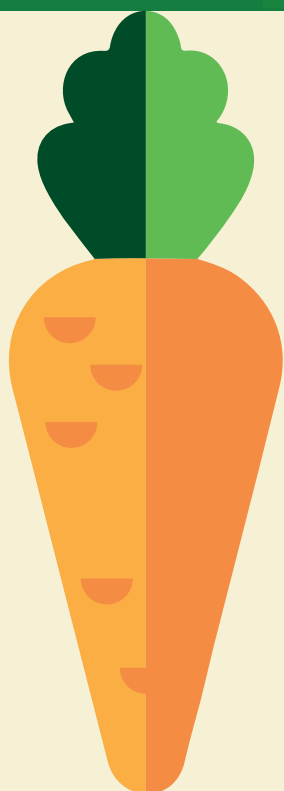


Relatório do Estado das Culturas e Previsão de Colheitas

Unidade de Desenvolvimento Rural e Agroalimentar
Divisão de Programas e Avaliação Agrícola





1 – Estado do tempo e sua influência na agricultura.

Nas **zonas do litoral**, e de um modo geral, o mês de dezembro foi seco e ameno. Registaram-se amplitudes térmicas acentuadas, com a temperatura máxima média a atingir os 18.ºC no Baixo Mondego e a mínima 4.ºC. A precipitação foi escassa, o vento foi fraco ou nulo, e houve ocorrência de geadas em locais mais do interior. Estas condições meteorológicas permitiram um bom desenvolvimento vegetativo das hortícolas, efetuar as mobilizações de solo e as sementeiras das culturas de outono/inverno, terminar as colheitas de milho e da azeitona. A diminuição das temperaturas mínimas facilitou a entrada em dormência das culturas permanentes.

Nas **zonas de transição**, o início do mês decorreu com temperaturas altas para a época, situação que se alterou a partir da segunda semana do mês, com a diminuição das temperaturas máximas e sobretudo das temperaturas mínimas que resultaram na formação de geadas. A precipitação foi reduzida, inferior ao mesmo mês do ano anterior. As temperaturas mínimas baixas, irão afectar positivamente o ciclo das culturas permanentes, na fase de dormência. As condições meteorológicas foram propícias para a continuação das sementeiras e para o desenvolvimento das culturas de outono/inverno já instaladas. A produção de matéria verde

reduziu, devido à descida das temperaturas e ausência de precipitação. Em alguns locais as podas já tiveram início.

Nas **zonas do interior**, o mês pautou-se por apresentar, no geral, temperaturas diurnas com valores acima da média para a época até ao final da primeira década do mês, período após o qual se verificou descida da temperatura, sobretudo da mínima, com vários dias a registarem valores negativos e a ocorrência de geadas, neblinas e nevoeiro matinal. Os valores da precipitação foram inferiores aos registados no mês homólogo do ano transato. Estas condições meteorológicas permitiram a continuação da preparação das terras “mais altas” e das respectivas sementeiras das culturas outono-invernais, ainda em atraso, mas a germinação das mesmas está mais lenta devido à redução das temperaturas médias e à menor humidade dos solos, principalmente os situados em cotas mais elevadas. As pastagens e culturas forrageiras registavam boa produção de massa verde para a época do ano, mas, o frio originou a paragem do crescimento. Nas fruteiras procede-se às podas e respectivos tratamentos preventivos de inverno. Algumas nascentes estão com caudais fracos, devido à baixa pluviosidade.

No Anexo I, apresenta-se quadro com alguns valores da precipitação acumulada, número de dias com precipitação e de temperaturas



médias registadas durante o mês de dezembro em algumas das Estações Meteorológicas do Ministério da Agricultura instaladas na região centro.

No Anexo II, apresenta-se quadro com valores referentes aos níveis de armazenamento de água nas albufeiras dos aproveitamentos hidroagrícolas do Grupo IV, na região centro, no final do mês de dezembro.

2 – Fitossanidade: pragas e doenças, intensidade e frequência dos ataques; oportunidade e eficácia dos tratamentos efectuados; prejuízos causados para além do normal.

No que respeita aos factores bióticos, de um modo geral, as condições meteorológicas verificadas durante o mês foram desfavoráveis ao aparecimento/desenvolvimento de algumas pragas e doenças nas culturas. Porém, algumas culturas apresentaram problemas, evidenciando-se os seguintes casos:

- No Baixo Vouga (**zona do litoral**), nos pomares de citrinos não tratados houve ataque de míldio e grande incidência da mosca-da-fruta, provocando a queda dos frutos.
- No Pinhal (**zona de transição**), as nespereiras já se encontram com o fruto em crescimento e são muito vulneráveis ao pedrado, sendo necessário controlar esta doença. Para os citrinos que se encontram numa fase adiantada do seu ciclo (ainda que não haja uma fileira organizada nesta zona, estão distribuídos pela maioria das explorações agrícolas), identificam-se alguns

frutos picados, assim como, a presença de míldio.

Relativamente aos factores abióticos, não se registaram outros prejuízos para além do normal nas culturas, destacando o seguinte caso, no Pinhal (**zona de transição**), permanecem os ataques de espécies cinegéticas nesta zona.

De uma maneira geral, dado que a maioria das culturas se encontra em repouso vegetativo e as condições climáticas verificadas durante o mês em análise o permitiram, foi possível a aplicação dos produtos fitofarmacêuticos na preparação do próximo ano agrícola. Nas fruteiras de folha caduca (pomóideas e prunóideas) durante o repouso vegetativo, devem ser realizados três tratamentos, (princípio, meio e fim da queda das folhas), com produtos à base de cobre, para proteção de feridas provocadas quer por queda de folhas e cortes quer os provocados pela poda de inverno.

Os tratamentos (preventivos/curativos) ou o conjunto de medidas culturais aconselhadas ao longo do mês de dezembro para as diferentes culturas, a merecer realce nos Avisos Agrícolas das Estações de Avisos da D.G.A.V. para a área de actuação da CCDRC, foram:

Citrinos – míldio ou aguado;

Manutenção dos solos nas culturas perenes – não realizar lavouras durante o período outono/inverno com o objectivo de manter um coberto vegetal, a fim de evitar a erosão do solo provocado pelas precipitações que possam ocorrer neste período;

Olival – tuberculose;

Poda – recomendações de como deve ser efectuada e a época de realização;

Tratamentos de outono/inverno – durante o repouso vegetativo das fruteiras permite reduzir a incidência de doenças durante o próximo ciclo vegetativo.

Organismo de quarentena – *Xylella fastidiosa* – actualização da Zona Demarcada de Castelo Branco para a *Xylella fastidiosa*.



3 – Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragem verde, fenos, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior.

De uma forma geral, as condições meteorológicas ocorridas durante o mês de dezembro, permitiram um bom desenvolvimento dos prados, pastagens e culturas forrageiras.

Nas **zonas do litoral**, prevê-se o início do primeiro corte das culturas forrageiras na segunda quinzena de janeiro na zona homogénea do Baixo Vouga. Verificou-se um menor incremento do desenvolvimento vegetativo nas culturas forrageiras, prados e pastagens, situados na zona homogénea do Pinhal Litoral, devido às baixas temperaturas verificadas e precipitação fraca;

Nas **zonas de transição**, as condições climáticas provocaram uma diminuição do desenvolvimento vegetativo das culturas pratenses devido às baixas temperaturas e quase ausência de precipitação, havendo, no entanto, disponibilidade forrageira para a alimentação animal.

Nas **zonas do interior** as culturas pratenses e forrageiras registavam boa produção de massa verde para a época do ano, todavia, é visível a paragem do seu crescimento devido à diminuição das temperaturas.

Estas condições, permitiram o pastoreio direto das espécies animais em toda a região centro do País, complementado nesta altura do ano com alimentos secos conservados e o recurso a rações e outros alimentos conservados, maioritariamente nos casos de animais com aptidão leiteira ou de engorda.



4-a – Sementeiras de cereais praganosos: como decorreram; como germinaram; aspeto vegetativo das searas; variação das áreas semeadas relativamente ao ano anterior; motivos da variação, caso se tenha verificado.

As sementeiras de cereais praganosos já realizadas decorreram bem, de uma forma geral, nas três zonas da região centro, verificando-se boas germinações e apresentando as searas, um bom aspeto vegetativo.

Nas **zonas do litoral**, as sementeiras apenas se realizam nos meses de janeiro e fevereiro, na zona homogénea do Baixo Vouga, estando ainda a decorrer nas zonas homogéneas do Baixo Vouga e Pinhal Litoral. Prevê-se que as áreas semeadas sejam idênticas às do ano anterior.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, há que reiterar a permanência dos ataques de espécies cinegéticas que se reflete na diminuição de áreas semeadas das culturas cerealíferas.

Quer na Zona homogénea do Alto Mondego quer na Beira Serra, as condições meteorológicas registadas no mês passado permitiram uma boa germinação e um bom crescimento dos cereais praganosos e das forragens de outono-inverno. Já as temperaturas baixas registadas este mês abrandaram significativamente o desenvolvimento das culturas cerealíferas.

Nas zonas homogéneas de Alto e Baixo Dão-Lafões, as condições meteorológicas e hidrológicas, favoreceram as mobilizações do solo e conseqüente preparação das sementeiras, verificando-se uma boa germinação e um bom crescimento dos cereais praganosos. As áreas

semeadas são idênticas às do ano passado, devendo salientar-se os constantes prejuízos provocados pelos permanentes ataques de espécies cinegéticas.

Na zona homogénea do Pinhal Sul, as sementeiras de cereais praganosos estão quase concluídas. As áreas semeadas são inferiores às do ano anterior, a germinação foi boa.

Nas **zonas do interior**, as sementeiras decorreram normalmente em todas as zonas homogéneas, com boas germinações e bom desenvolvimento vegetativo.

Nas zonas homogéneas da Serra da Estrela e Cova da Beira, verifica-se um incremento das áreas semeadas principalmente de centeio e aveia, em cerca de 30%, que se deve, em parte, ao cada vez mais elevado preço dos fenos e palhas, assim como, das rações, o que leva os produtores a recorrer cada vez mais à produção própria.

Neste momento, encontram-se por semear cerca de 5% da área na Cova da Beira, relativamente à totalidade dos cereais praganosos, principalmente os destinados às terras mais baixas, que ainda se encontram molhadas

Nas zonas homogéneas de Riba Côa e Cimo Côa, estima-se que as áreas semeadas sejam sensivelmente as mesmas do ano anterior, inferiores na zona homogénea da Campina e Campo Albicastrense, devido essencialmente aos elevados custos de produção, à fraca produtividade sobretudo em certos anos agrícolas com condições climáticas adversas, à diminuição dos efetivos pecuários, (a cultura dos cereais praganosos muitas vezes surge como auxílio à produção animal) e à dificuldade em obter a maquinaria para a colheita.



5-b – Culturas arbóreas, nomeadamente pomares de citrinos e olivais de azeitona de mesa e azeitona para azeite: estado vegetativo; produção, quanto aos aspectos de qualidade e quantidade.

A seguir descrevem-se os aspetos mais relevantes para as diferentes culturas arbóreas e arbustivas.

• Pomares de Citrinos

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, nos pomares de citrinos não tratados houve ataque de míldio e grande incidência da mosca da fruta, provocando a queda de frutos, no entanto, sem quebra de qualidade.

No Pinhal Litoral, encontram-se na fase de colheita. Verificam-se ataques da mosca-do-mediterrâneo, resultado da falta de tratamento.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, algumas espécies de citrinos já estão numa fase adiantada dos seus ciclos (ainda que não haja uma fileira organizada nesta zona, estão distribuídos pela maioria das explorações agrícolas). As clementinas, tangerinas e laranjas da baía, encontram-se em fase de colheita. Registo de alguns frutos picados, assim como, a presença de míldio, situação normal, atendendo a que a maioria dos agricultores não efetua tratamentos fitossanitários nesta cultura de pequena escala nesta zona.

Na zona homogénea do Pinhal Sul, as laranjeiras apresentam uma produção razoável. Os limoeiros apresentam os limões maduros, perspetivando-se um ano de boa produção.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, as laranjeiras encontram-se em início de maturação, com produtividade semelhante ao ano anterior.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, os pomares de citrinos têm uma representatividade baixa face a outras regiões do país. Estão em fase de maturação e prevê-se uma produtividade ligeiramente inferior ao ano passado.

Nas **zonas do interior**, tanto em Riba Côa como em Cimo Côa, os citrinos, apesar da pouca representatividade, apresentam um bom aspeto e uma boa produção e qualidade.



- **Pomares de Kiwis**

Nas **zonas de transição**, tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, os kiwis encontram-se em colheita, apresentando bom calibre e produtividade semelhante ao ano anterior.

- **Olival**

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Mondego, no início do mês, terminou a campanha olivícola 2024. A azeitona colhida e o azeite produzidos são de qualidade inferior comparativamente com o ano passado. O azeite produzido obteve menor rendimento. A funda foi de 12 kg para cada litro de azeite.

Na zona homogénea do Pinhal Litoral, a campanha da azeitona e a lagaragem estão concluídas, encontrando-se as oliveiras em repouso vegetativo.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, a campanha da azeitona realizou-se maioritariamente durante o mês de outubro, sobretudo na primeira quinzena. A precipitação que foi ocorrendo durante o mês, obrigou a uma colheita precoce, de modo a evitar que a azeitona se estragasse ainda mais, devido à gafa. Nesta fase, o fruto acabou por fundir pouco, quer pela humidade que o fruto trazia, quer por este ainda não ter atingido o máximo teor de gordura. Os produtores que optaram por colher mais tarde, no decorrer do mês de novembro, obtiveram melhores fundas, mas com graus de acidez muito elevados, devido à pouca qualidade do fruto. Os olivicultores que efetuaram tratamentos fitossanitários atempadamente, conseguiram gerir melhor o momento da colheita, adiando a apanha para depois do período de maior precipitação, com menor queda de fruto e uma produção mais sã, resultando num grau de acidez mais baixo que o grosso dos olivicultores. A quantidade produzida acabou por ser ligeiramente superior ao ano anterior. O valor do litro de azeite está com tendência de decréscimo, face ao período homólogo.

Na Beira Serra, a colheita da azeitona terminou, a produtividade é inferior ao ano passado, fundas baixas (11,5%) e qualidade do azeite é má. No Alto Mondego, o olival para azeite encontra-se em fim de colheita, com uma produtividade inferior ao ano passado, fundas baixas (12,5%) e qualidade muito má. Em relação à azeitona de mesa encontra-se colhida e apresenta produtividades inferiores ao ano passado nestas duas zonas homogéneas.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, em relação aos olivais, inicialmente, previa-se um aumento de produtividade em toda a azeitona, no entanto, com o decorrer da colheita as previsões foram alteradas. Relativamente à azeitona de mesa, houve uma redução de 10% em relação ao ano anterior. A azeitona para azeite entregue nos lagares tinha características muito heterogéneas, uma verde e a outra muito seca, no entanto, a qualidade do azeite é boa. No Alto Dão-Lafões, a produção teve um aumento, em média, de 30% face ao ano anterior. A funda foi em média, 12%. No Baixo Dão-Lafões ocorreu uma quebra de produção de 10%, devido à gafa, e com uma funda na ordem de 10 e 11%.



Na zona homogénea do Pinhal Sul, a produção de azeitona para azeite foi superior ao ano anterior, contudo, nos olivais onde não foram realizados tratamentos, ocorreram ataques de mosca e gafa, diminuindo acentuadamente a qualidade e quantidade do azeite. Face ao exposto, consideramos que a produção é semelhante ao ano anterior.

Nas **zonas do interior**, tanto em Riba Côa como em Cimo Côa, foi um bom ano para o olival (azeitona de mesa e a azeitona de azeite), havendo uma boa produtividade e qualidade. De início as fundas eram fracas devido ao facto de a azeitona ter muita água, mas, agora verifica-se uma boa funda, em média nos 15%, sendo o azeite de boa qualidade. Estima-se um acréscimo na produção/productividade de cerca de 10%.

Quer na Serra da Estrela quer na Cova da Beira, a colheita de azeitona para azeite, está terminada, verificando-se uma quebra de cerca de 15% na produção, relativamente ao ano anterior. A qualidade é em termos gerais boa nos olivais tratados. Nos olivais não tratados, a azeitona ficou gafada, havendo quebras acentuadas quer na produção, quer no rendimento em azeite e um aumento generalizado na acidez do mesmo.

Na zona homogénea da Campina e Campo Albicastrense, ainda se verificam algumas colheitas de azeitona para azeite, sobretudo em olivais novos. A campanha da azeitona para azeite ficou marcada por um forte ataque de gafa sobretudo nos olivais não protegidos contra a doença e que levou nalguns casos à perda de parte significativa da produção. Apesar disso, e no geral, a produção foi superior ao ano anterior em cerca de 10%. O ataque de gafa diminuiu a qualidade das azeitonas e consequentemente a qualidade do azeite.



ANEXO I

Zonas Homogéneas	Concelho	Local	Precipitação acumulada (mm)	N.º de dias com precipitação	Temperaturas Médias (°C)			
			01 a 31/12	01 a 31/12	Máx.	Min.	Média	
ZONAS DO LITORAL	Baixo Vouga	Agueda	Agueira	20,2	15	18,0	4,9	11,3
		Anadia	Arcos	19,0	8	15,9	5,1	10,1
	Baixo Mondego	Montemor-o-Velho	Pedralvites	-	-	-	-	-
			Sabico das Areias	-	-	-	-	-
		Batalha	Branche	9,6	7	17,0	4,2	9,8
	Pinhal Litoral	Porto de Mós	Casal do Alho	-	-	-	-	-
		Pombal	Abiul	-	-	-	-	-
Leiria		Regueira de Pontes	-	-	-	-	-	
ZONAS DE TRANSIÇÃO	Pinhal	Lousã	Quinta do Conde	21,2	16	21,6	2,8	9,6
		Miranda do Corvo	Cerdeira	-	-	-	-	-
	Beira Serra	Ansião	Freixo	0,0	0	15,6	4,7	9,4
		Nelas	C. E. Vitivinícolas	15,0	8	15,0	5,6	9,6
	Alto Dão-Lafões	Viseu	Estação Agrária	36,0	6	14,2	2,9	8,0
	Baixo Dão-Lafões	Tondela	Quinta das Tílias	-	-	-	-	-
	Alto Mondego	Gouveia	Nabais	4,0	6	13,8	3,2	7,6
		Sertã	Cernache	6,4	13	15,7	2,7	8,2
		Pinhal Sul	Proença-a-Nova	Chão-do-Galego	11,0	2	15,4	7,3
	Oleiros		Oleiros	16,2	6	13,0	4,0	7,9
ZONAS DO INTERIOR	Riba Côa	Mêda	Longroiva	3,2	11	12,5	2,0	6,6
		Pinhel	Pinhel	12,0	7	11,3	0,6	5,5
		Trancoso	Trancoso	18,0	9	8,2	2,0	4,9
	Serra da Estrela	Celorico da Beira	Carvalhada	8,6	8	12,9	1,7	6,7
		Guarda	Relvas	2,6	5	13,2	1,8	6,9
	Cimo Côa	Sabugal	Martim Rei	10,2	10	10,4	0,2	4,8
		Almeida	Almeida	6,4	9	10,2	1,7	5,7
	Cova da Beira	Belmonte	Belmonte	4,8	9	14,5	0,0	6,4
		Covilhã	Lamaçais	12,2	10	15,5	1,9	7,8
			Brejo	8,0	11	13,9	2,6	7,9
		Fundão	Alcongosta	2,6	5	11,8	4,3	7,5
			Fadagosa	6,6	4	15,3	4,8	9,5
	Campina e Campo Albicastrense	Idanha-a-Nova	Várzea	6,6	6	18,3	5,0	10,6
	Penamacor	Assoc. B. Cova Beira	7,2	8	14,2	0,8	6,8	

Fonte: ENDAAP

* Dados disponíveis de 01/12 a 30/12. ** Dados disponíveis de 01/12 a 27/12.

ANEXO II

DISPONIBILIDADE DE ÁGUA NAS ALBUFEIRAS DOS APROVEITAMENTOS HIDROAGRÍCOLAS																
03/01/2025																
Concelho	Albufeira	Cota (NPA)	Vol. total (NPA) - hm3	Vol. morto - hm3	Vol. útil - hm3	Armazenamento total				Armazenamento útil		Descargas nos últimos 7 dias				
						Cota actual	Actual (hm3)	Última leitura (hm3)	Varição (hm3)	% ao NPA	Vol. útil armazen. - hm3	%	Descarregador de Cheias	Descarga de fundo	Caudal ecológico	
Anadia	Porcão	104,00	0,102	0,004	0,098	104,00	0,102	0,102	0,000	↔	100,0%	0,098	100,0%	sim	não	n.a.
Castelo Branco	Magueija	353,50	0,134	0,000	0,134	353,55	0,134	0,134	0,000	↔	100,0%	0,134	100,0%	sim	não	n.a.
Figueira de Castelo Rodrigo	Vermiosa	684,80	2,200	0,050	2,150	684,20	1,788	1,788	0,000	↔	81,3%	1,738	81,3%	não	não	não
Mortágua	Macieira	143,60	0,946	0,026	0,920	143,62	0,946	0,946	0,000	↔	100,0%	0,920	100,0%	sim	não	sim
Oliveira de Frades	Pereiras	482,00	0,120	0,005	0,116	482,02	0,120	0,120	0,000	↔	100,0%	0,116	100,0%	sim	não	n.a.
Pinhel/Trancoso	Bouça-Cova	577,00	4,867	0,183	4,684	574,50	3,401	3,375	0,026	↑	69,9%	3,218	69,9%	não	não	sim
Sabugal	Alfaiates	801,00	0,854	0,204	0,650	800,40	0,731	0,729	0,002	↑	85,6%	0,527	85,6%	não	não	não
Vila Velha de Ródão	Açaçal	112,60	1,746	0,000	1,746	112,09	1,654	1,656	-0,002	↓	94,7%	1,654	94,7%	não	não	não
Vila Velha de Ródão	Coutada/Tamujaís	131,00	3,891	0,591	3,300	126,53	2,216	2,219	-0,003	↓	56,9%	1,625	56,9%	não	não	não
Viseu	Calde	547,20	0,589	0,033	0,556	547,24	0,589	0,589	0,000	↔	100,0%	0,556	100,0%	sim	não	n.a.
			15,449	1,095	14,354	11,681	11,658				88,8%	10,586	75,6%			

OBSERVAÇÕES/OUTROS:
n. a. (não aplicável) - barragens sem válvula de descarga do caudal ecológico; Calde e Coutada, por exemplo, garantem os caudais ecológicos com outras origens de água que afluem à zona imediatamente a jusante das barragens.
Fonte: CCDRC/DIGRH

CC
DR **CENTRO** . I.P.

WWW.CCDRC.PT

